

Tratamento, difusão e estudo dos acervos documentais da edição contemporânea: o contributo do Projecto Romano Torres

Daniel Melo

CHAM, FCSH, UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA, UNIVERSIDADE DOS AÇORES

O presente livro pretende ser um contributo para a compreensão e salvaguarda do universo da edição contemporânea, partindo duma experiência piloto em torno do tratamento e estudo do acervo documental duma editora centenária portuguesa, a Romano Torres¹.

Ele é constituído por duas partes, uma para apresentar o projecto académico que esteve na sua génese e outra de estudos, considerada uma dimensão complementar indispensável dentro desse mesmo projecto. Optou-se por atribuir a esses estudos a primeira secção, unicamente para poder seguir uma ordem cronológica, do século XIX ao século XXI.

Assim, nesta primeira parte, reunimos um conjunto de estudos realizados pelos membros da equipa e por um especialista convidado, os quais partem da análise de aspectos concretos da actividade da Romano Torres para trabalhar dimensões tidas por centrais, à luz da literatura académica sobre o mundo do livro e o mundo da ilustração.

Por consequência, o conjunto de 7 capítulos analisa temas como a consagração da figura do editor na contemporaneidade, a estrutura empresarial, o perfil familiar, as redes institucionais, o perfil do catálogo e a estruturação da oferta editorial, os ilustradores enquanto sinalizadores de gerações e correntes estéticas, a recepção, circulação e mercado do livro, e as relações institucionais.

A literatura sobre a edição contemporânea está em fase de consolidação crescente a nível internacional, sendo ainda algo incipiente em Portugal, daí também a pertinência

1 A editora foi criada em 1885, então com o nome de Empreza Editora do «Recreio», segundo a versão do seu fundador, João Romano Torres. Os primeiros trabalhos com a menção Romano Torres surgem em 1889, através da designação João Romano Torres – Editor. Teve como último nome Livraria Romano Torres – João Romano Torres & Companhia Lda., por escritura de 24/8/1976. Segundo o seu herdeiro e último editor, Francisco Noronha e Andrade, a editora ainda se mantém, mas suspendeu actividade no início dos anos 1990 (sobre a história institucional da editora vd. Melo, 2014: 29/30, livros de actas em PT/AHJRT/JRT/01/001 e PT/AHJRT/JRT/01/002 e derradeira correspondência com APEL em PT/AHJRT/JRT/01/002).

e oportunidade deste livro (sobre o tema vd. Melo, 2012 e 2014 e Medeiros, 2013). Um aspecto central nela destacado é a consideração da editora enquanto entidade situada entre mundos distintos, o económico (pois a venda de impressos é um negócio) e o cultural (pois vende bens que têm um estatuto simbólico) e do editor enquanto “personagem público” condicionado pelos contextos familiar, político e cultural e pela sua “função social”. Esta questão-chave, que influenciou o “carácter pluridisciplinar da abordagem metodológica” da história da edição – área na qual se busca filiar o presente livro – passa vários dos seus capítulos (cits. de Mollier, 1996: 329-30). A própria divisão temática proposta ambiciona responder-lhe, ao cruzar dimensões complementares: sendo negócio, que estrutura empresarial; sendo negócio familiar, que influência no desenho do catálogo, que tipo de oferta, que redes e relações institucionais, que posicionamento face ao mercado do livro.

Ao analisarmos a estrutura e estratégias desta editora cremos também poder trazer um contributo válido para os estudos de história empresarial, ainda por cima quanto a um segmento pouco estudado desse ponto de vista, mormente em Portugal (Silva, 1999: 184).

Outro ponto central é perceber o lugar da editora, a sua importância e a sua representatividade. Os estudos sobre a dimensão das editoras têm apontado duas vias principais: por um lado, há um conjunto de estudos que evidenciam a extrema diversidade de editoras (ou da edição) no mundo ocidental, o que seria sinal de enriquecimento e pluralismo deste sector cultural e do seu contributo². Por outro lado, outros estudos procuram demonstrar que a diversidade não é assim tão grande, podendo ser reduzida a poucos grupos ou categorias a partir da ponderação dum conjunto de factores ou indicadores. Tais estudos valorizam mais os condicionalismos estruturais que afectam a margem de manobra das editoras na actualidade (v.g., Coser, 1982; Bourdieu, 1999). Ou seja, mais do que destacar a diversidade de catálogos, autores, temas, públicos abarcados, etc., enfatizam os constrangimentos organizacionais e económicos, a começar pelo capital financeiro passível de mobilizar por estas instituições.

Este livro também busca estudar essas duas grandes dimensões analíticas, isoladamente e em articulação. Além da dimensão económica, já referida, analisa a vertente cultural a partir da emergência da figura do editor no quadro dos ofícios do livro e da intelectualidade; da decomposição estatística do catálogo e do perfil da oferta editorial, do lugar dos ilustradores e da ilustração, etc.

Mas a nossa intenção é mais globalizante, procurando abordar a temática à luz das demais dimensões. Com efeito, um dos intentos de partida deste livro é que a análise dum editora como a Romano Torres permita uma melhor compreensão da articulação entre cultural (simbólico), social, económico e político. Nesse sentido, afigura-se

2 V.g., Long, 1992; Tortorelli, 1998; Brogioni te Cecconi, 2010.

particularmente fecunda uma tese que Pierre Bourdieu aplicou ao campo literário e que propomos adaptar ao campo editorial, ambas noções do mesmo autor. A tese em apreço é a seguinte: o “espaço dos possíveis” (Bourdieu, 1992: 326 ss.) do campo literário (ou do editorial) é delimitado pela articulação entre factores muito diversos – estrutura empresarial das editoras, sistema de eleições simbólicas (autores, géneros), formas dos catálogos (hierarquia e configuração de colecções), modalidades de produção (tiragens, comercialização), fórmulas de publicidade, representação do público leitor alvo; categorias presentes nos catálogos: cultural/comercial, alto/baixo, distinto/popular, norte/sul, nacional/estrangeiro, acção/reflexão (vd. também Sorá, 2010: 270/1). Neste livro tentaremos identificar quais destes factores estão presentes a propósito da Romano Torres, ponderar o respectivo peso e possíveis articulações.

Contudo, recusamos uma perspectiva que veja o destino das editoras como estando praticamente determinado por estes factores. É isso que Bourdieu parece sugerir em texto posterior dedicado exclusivamente ao estudo da edição: “Cada editora ocupa, num dado momento, uma *posição* no campo editorial, que depende da sua posição na distribuição de recursos escassos (económicos, simbólicos, técnicos, etc.) e dos poderes que eles conferem sobre o campo: é esta posição estrutural que orienta as *tomadas de posição* dos seus «responsáveis», as suas estratégias quanto à publicação de obras francesas ou estrangeiras, definindo o sistema de constrangimentos e de finalidades que se lhes impõem e o «espaço de manobra», frequentemente muito estreito, concedidos para os confrontos e as lutas entre os protagonistas do jogo editorial” (Bourdieu, 1999: 3/4)³.

Creemos que também pode haver um lugar relevante para o acaso (p.e., quanto aos autores e obras que serão bem-sucedidas), para o peso das conjunturas políticas e culturais, para a influência da censura (sobretudo sob regimes ditatoriais), para as concepções ideológicas, gostos e inclinações dos mentores, as quais superam a mera delimitação de catálogos, colecções e publicidade. É isso que também nos propomos averiguar e analisar.

Há outra ideia forte proposta por aquele influente sociólogo que nos parece ser importante para caracterizar a evolução do posicionamento das editoras enquanto instituições com poder simbólico e político. Trata-se da ideia de que as “mudanças mais fortes na política editorial das casas editoras” pode em parte dever-se a “mudanças na posição que ocupa no campo [editorial], a passagem para posições dominantes acompanhando-se

3 Tradução livre; no original: “Chaque maison d’édition occupe en effet, à un moment donné, une position dans le champ éditorial, qui dépend de sa position dans la distribution des ressources rares (économiques, symboliques, techniques, etc.) et des pouvoirs qu’elles confèrent sur le champ: c’est cette position structurale qui oriente les prises de position de ses «responsables», leurs stratégies en matière de publication d’ouvrages français ou étrangers, en définissant le système des contraintes et des fins qui s’imposent à eux et les «marges de manoeuvre», souvent très étroites, laissées aux confrontations et aux lutas entre les protagonistes du jeu éditorial”.

do reforço da tendência a privilegiar a gestão dos adquiridos em detrimento da busca de inovação e de pôr o capital simbólico detido ao serviço de autores mais «comerciais» do que eram antes, nos tempos heróicos dos começos, os que contribuíram à acumulação de capital” (Bourdieu, 1999: 4). Esse é também um aspecto que iremos verificar no trajecto da Romano Torres.

Devido ao seu carácter pioneiro e inovador, considerámos relevante apresentar e analisar o projecto académico relativo ao tratamento e estudo do acervo documental da Romano Torres, intitulado «Romano Torres: um arquivo histórico representativo da edição contemporânea» e apoiado e financiado pela FCSH-UNL e pela Fundação Calouste Gulbenkian, ao abrigo do seu concurso «Projetos de recuperação, tratamento e organização de acervos documentais», edição de 2013. O projecto foi enquadrado por um protocolo de colaboração previamente assinado entre o detentor do arquivo histórico da editora, Francisco Noronha e Andrade, e o Centro de História da Cultura da referida universidade. Resolveu-se por isso destinar uma secção do livro à reflexão sobre as razões que tornaram este um contributo singular para a patrimonialização e estudo da edição contemporânea. Esta segunda parte reúne assim 3 capítulos.

Num capítulo inicial, traçamos o seu enquadramento histórico quanto à evolução jurídico-legal e político-cultural face aos bens culturais, primeiro, e aos acervos documentais/ arquivos históricos, em segundo lugar, tanto no âmbito internacional como nacional (português). Ainda neste capítulo refere-se os vários contributos que o projecto deu para a consolidação dos arquivos digitais em Portugal, uma área considerada estratégica por várias instituições internacionais de referência (UNESCO, IFLA, ICA, etc.) e pela União Europeia no quadro das suas políticas públicas para o livre acesso e a preservação da informação, conhecimento e memória colectiva.

No capítulo seguinte descrevem-se os trabalhos mais directamente relacionados com a salvaguarda física do arquivo histórico: inventariação, higienização, tratamento e descrição arquivísticas. Por fim, refere-se a feitura de dois instrumentos básicos para a preservação e comunicação da documentação: o regulamento de consulta pública e o plano de segurança.

O último capítulo aborda a vertente do projecto que intentou articular a preservação dum arquivo material com a adopção de ferramentas do mundo digital, com vista a satisfazer, de modo mais consistente e duradouro, objectivos fundamentais para a cultura e a ciência. Em concomitância, foram desenvolvidas plataformas digitais (*website*, bases de dados em linha) para pesquisa no arquivo histórico e no catálogo e para disponibilização de instrumentos de consulta e de sistematização de informação; e foram lançadas as bases para a formação dum acervo novo, complementar, de fontes primárias áudio (testemunhos de antigos colaboradores da editora ou de seus leitores) e iconográficas (conjunto de ilustrações e outros documentos cuja cópia digital está acessível na base de dados do arquivo). Tal esforço visou potenciar o estudo da edição contemporânea,

sensibilizar para a necessidade duma estratégia inter-institucional que salvaguarde de modo sistémico esta parcela fulcral da documentação⁴ e património cultural de cada país, e contribuir para a democratização do acesso aos conteúdos produzidos por estas entidades ou sobre as mesmas.

Bibliografia

- ANSELMO, Artur (1997), "Fronteiras da história do livro", *Cultura*, II série, vol. IX, ISSN 0870-4546, p. 15-22.
- BOURDIEU, Pierre (1992), *Les règles de l'art. Genèse et structure du champ littéraire*, Paris, Le Seuil.
- BOURDIEU, Pierre (1999), "Une révolution conservatrice dans l'édition", *Actes de la recherche en sciences sociales*, n.º 126-127, p. 3-28.
- BROGIONI, Luca, CECCONI, Aldo (2010), *Gli archivi degli editori toscani*, Pisa, Pacini Editore.
- COSER, Lewis A. (1982), "Publishing worlds: sectors within the industry", in Lewis A. Coser, Charles Kadushin e Walter W. Powell (dir.), *Books: the culture and commerce of publishing*, Chicago, University of Chicago Press, p. 39-69 e 384-385.
- LONG, Elizabeth (1992), "The cultural meaning of concentration in publishing", in Fred Kobrak e Beth Luey (dir.), *The structure of international publishing in the 1990s*, New Brunswick (NJ), Transaction Publishers, p. 93-117.
- MEDEIROS, Nuno (2013), "Conservar, conhecer e patrimonializar arquivos editoriais e livreiros. Um caso português: o projecto Romano Torres", *Livro*, n.º 3.
- MELO, Daniel (2014), "Romano Torres – a case study of a Portuguese publishing house", *Logos-Forum of the World Book Community*, vol. 25, n.º 2 (Maio/Junho), p. 28-38, ISSN 0957-9656.
- MELO, Daniel (2012), "O património da edição contemporânea portuguesa: estado da questão". *Cultura*, II série, vol. 30, ISSN 0870-4546, p. 173-85.
- MOLLIER, Jean-Yves (1996), "L'histoire de l'édition, une histoire à vocation globalisante", *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*, vol. 43, n.º 2, p. 329-348.
- SILVA, Álvaro Ferreira da (1999), "História empresarial", in António Barreto e Maria Filomena Mónica (coord.), *Dicionário de história de Portugal [suplemento]*, Porto, Livraria Figueirinhas, vol. VIII, p. 184-7.
- SORÁ, Gustavo (2010), *Brasilianas. José Olympio e a génese do mercado editorial brasileiro*, São Paulo, EdUSP.
- TORTORELLI, Gianfranco (dir.; 1998), *Gli archivi degli editori. Studi e prospettive di ricerca*, Bolonha, Patron.

4 Esta é uma questão decisiva dada a incúria e descaso reinantes a este nível em países como Portugal, tal como têm vindo a alertar os estudiosos da área, a começar por Anselmo (1997: 22), cuja crítica importa recuperar para melhor se perceber o lastro temporal e os efeitos nefastos para a sociedade: "Não somos uma comunidade habituada ao respeito da memória cultural e do património, o que explica a escassez de documentação primária e secundária. Pensemos em registos notariais e alfandegários que se perderam, pensemos no descaso com que foram tratados os caixotins das tipografias extintas, pensemos na destruição das xilografuras, pensemos na presteza com que se deitaram ao lixo os arquivos dos nossos editores desaparecidos, tudo sacrificado a um pseudo-reformismo de pacotilha".

